

Mindelo na Rota da Seda – ambiguidades na percepção sobre a presença dos chineses no comércio em Cabo Verde¹

Vinícius Venancio - PPGAS/UnB

Palavras-chave: Comércio; Cabo Verde; Chineses.

A presente apresentação é uma parte da pesquisa acerca dos fluxos comerciais transnacionais desenvolvidos por mulheres cabo-verdianas, com foco nas que residiam em Mindelo, na ilha de São Vicente.² Esse grupo de mulheres, comumente denominado *rabidantes* na cidade da Praia³, tecem “redes de comércio transnacional” (Grassi, 2003, p. 78) a partir de Cabo Verde em direção a diversos países na rota do Atlântico, como Portugal, Estados Unidos, Brasil, Canárias e Senegal.

Embora haja homens exercendo esse trabalho, o comércio informal em Cabo Verde é composto majoritariamente por mulheres, que, no país, é justificado pela seguinte afirmação: a mulher teria mais jeito para comércio (Grassi, 2003, p. 162). A predominância das mulheres no comércio transnacional cabo-verdiano se dá pela possibilidade de conjugar o mundo da casa e da rua em uma só atividade, uma vez que, entre os cabo-verdianos, as mulheres-mães são responsabilizadas “socialmente perante situações de sucesso e fracasso na educação e criação dos filhos” (Fortes, 2015a, p. 152). Por isso, elas encontram no mundo do comércio uma atividade que permite que as mulheres assumam a centralidade financeira do grupo doméstico realizando trabalhos que podem ser feitos em casa, local onde costuma se dá o início das atividades comerciais, além de permitir o maior apoio dos parentes.

Os fluxos que estas mulheres tecem ainda possuem certa crucialidade dentro do comércio mindelense, uma vez que elas estão inseridas em um meio com escassa produção industrial, demandando a importação de quase tudo que será consumido pela população. Apesar de, por um longo período, elas dominassem, quase que hegemonicamente, o comércio de bens industrializados no arquipélago de Cabo Verde,

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² A pesquisa apresentada neste artigo, realizada durante o primeiro trimestre de 2017, na cidade de Mindelo, em Cabo Verde, foi realizada no âmbito do projeto “Formas familiares em um mundo de mobilidades: gênero, infância, juventude e identidades em contextos migratórios”, coordenado e desenvolvido por integrantes do Laboratório de Etnologia em Contextos Africanos, do DAN/UnB.

³ Capital de Cabo Verde, localizada na ilha de Santiago.

essa hegemonia começou a ser ameaçada na década passada com a entrada e estabelecimento de casas comerciais chinesas ao longo das ilhas que compõem o país.

Todavia, a entrada da comunidade chinesa em Cabo Verde é dotada de um conjunto de acepções muitas vezes contraditórias. É na tentativa de compreender as diferentes visões que a população cabo-verdiana possui desses imigrantes em uma terra que é tradicionalmente de emigrantes que tento traçar esta análise inicial da presença deles no arquipélago. Aqui, focarei nas narrativas das comerciantes transnacionais acerca dos rumores, rivalidades e aceitações delas para com os seus parceiros de profissão, que serão sempre apresentadas em comunhão com dados já produzidos sobre a questão.

i. “Eles são universais, estão a invadir toda parte”

Atualmente, é impossível tratar de práticas comerciais transnacionais no contexto de Cabo Verde sem abordar aqueles que estão ganhando cada vez mais espaço e poder dentro do cenário econômico internacional: os chineses. Desde o meu primeiro contato real com o arquipélago, na escala realizada na ilha de Santiago, quando passei pelo Plateau, zona central da cidade da Praia, pude perceber que eles possuíam destaque no comércio nacional. Essa impressão se estabeleceu porque o dia em que lá cheguei, 13 de janeiro de 2017, era feriado, dia da Democracia e da Liberdade. A despeito da importância do feriado, haviam algumas poucas lojas abertas⁴, todas elas pertencentes a chineses. Embora quase não houvesse movimento nas ruas, não havia uma loja de chinês vazia.

Ainda na cidade da Praia, chamou-me a atenção o imenso hotel-cassino que estava em processo de construção às margens da Praia da Gamboa, na capital cabo-verdiana, com financiamento chinês. Embora não seja o primeiro cassino do arquipélago⁵, o seu tamanho causou-me impacto, assim como o valor do investimento dos chineses para a obra, descoberto por mim posteriormente, que foi de aproximadamente US\$ 250 milhões de dólares⁶.

Já em São Vicente, algumas das práticas realizadas pelos chineses percebidas por mim em minha breve passagem pela capital do país não se repetiram. Em Mindelo, ao contrário do ocorrido na Praia, as casas de comércio chinesas respeitavam religiosamente

⁴ . Quando falo de lojas abertas, estou excluindo estabelecimentos como o Mercado Municipal da Praia, por ser uma espécie de feira de alimentos, além de restaurantes e bares.

⁵ “Primeiro casino de Cabo Verde inaugurado na ilha do Sal” <http://viajar.sapo.cv/curiosidades/primeiro-casino-de-cabo-verde-inaugurado-na-ilha-do-sal> acessado em 27 de junho de 2017.

⁶ Dados extraídos de <http://www.hotelcontinentaluanda.com/index.php/pt/noticias/509-empresario-chines-lanca-projeto-de-resort-turistico-e-hotel-casino-em-cabo-verde> acessado em 27 de junho de 2017.

o horário de funcionamento oficial das lojas da cidade, que costumavam abrir às 8 horas da manhã, pausar às 13 horas para o almoço, retornar às 15 horas e seguir o trabalho até às 18, 19 da noite, não abrindo nem domingos e nem em feriados. Também em Mindelo, ao me aproximar da população local, pude apreender que a presença dos chineses no arquipélago também é dotada de opiniões dicotômicas vindas dos nacionais. Há quem defenda e, por outro lado, há quem recrimine suas práticas comerciais.

O momento primordial para o desenvolvimento dessa ideia foi ao presenciar uma instigante discussão entre dona Helena⁷ e uma amiga dela, Romine, que chegou na loja enquanto conversávamos, a quem fui apresentado como “o brasileiro”. Enquanto dona Helena defendia ferrenhamente a presença dos chineses em Cabo Verde, com o argumento de que, com a chegada dos chineses, “agora muita gente tem o que vestir”, Romine, por outro lado, depositava na conta deles a quantidade expressiva de lixo acumulado nas ilhas nos últimos anos, lixo este sem nenhuma perspectiva de tratamento, segundo ela. Esse lixo teria surgido a partir da possibilidade de comprar produtos por preços menores do que os anteriormente encontrados no arquipélago, o que possibilitou um consumo desenfreado devido à baixa qualidade dos produtos fornecidos pelos chineses.

Embora a fala de Helena, uma das raras comerciantes favoráveis à entrada dos chineses no comércio cabo-verdiano, cause um certo estranhamento, ela faz muito sentido se observarmos que os chineses não competem diretamente com ela, já que seus negócios se centram exclusivamente no ramo de cosmético, enquanto os chineses estão, majoritariamente, no campo de souvenir e vestuário, tanto roupas quanto calçados.

O diálogo entre as duas aponta a ambiguidade que cerca a presença dos chineses em Cabo Verde, que se apresentou com maior grau de complexidade frente ao otimismo de Haugen e Carling (2009). Enquanto o casal de antropólogos apresenta que 85% da população de Cabo Verde aprovaria a presença dos chineses no arquipélago, as minhas conversas apontaram para uma situação um pouco mais dúbia, sendo ambígua até para as próprias comerciantes, que ao mesmo tempo que têm os chineses como concorrentes, muitas vezes fazem deles seus consumidores ou se tornam clientes deles.

Com a inserção dos chineses, houve o agravamento da crise econômica para as comerciantes cabo-verdianas, mesmo que, desde o início dos anos 2000, eles já tenham começado a tomar parte da clientela delas com a venda de produtos mais baratos – e com

⁷ Os nomes utilizados aqui são fictícios a fim de preservar a identidade das minhas interlocutoras.

menor qualidade também – (Haugen e Carling, 2005). Como disse Célia, “com os chineses as coisas complicaram mais” e as vendas reduziram substantivamente. A queda nas vendas dos comerciantes cabo-verdianos, em associação à crise econômica pela qual o país está passando, é o principal argumento para repudiar a presença dos chineses lá. Segundo a memória de Bia, “tem aproximadamente dez anos que eles chegaram na cidade e, do jeito que as coisas vão, eles vão fechar tudo isso. Mais uns anos e os pequenos negócios não vão resistir”. Contudo, a crise estaria tão séria no país que “até para os chineses, que *acabou* com o nosso negócio, não *tá* muito bom”.

Até nos produtos de carnaval os chineses conseguiram adentrar. Este era um ramo totalmente dominado pelas comerciantes transnacionais, que costumavam ir para São Paulo fazer compras de adereços carnavalescos na 25 de março, o que gerava muito lucro para elas. Agora, os chineses estariam vendendo “essas coisas praticamente dado”, como disse Célia na tentativa de justificar a existência de itens de carnaval de temporadas anteriores encalhados nos estoques das lojas.

Ainda, muitos foram os relatos de que os chineses tiram fotos dos produtos que são tidos como novidade e no mês seguinte chega um contêiner cheio de réplicas. Isso aconteceu com uma professora que lá conheci. Seu namorado, que mora no Brasil, levou uma sandália da marca Melissa para ela, item que era razoavelmente escasso na cidade. Em um dia enquanto ela estava caminhando pela cidade, uma chinesa a parou e pediu para tirar uma foto da sandália por ter achado bonita. Pouco tempo depois uma das casas comerciais⁸ chinesas da cidade estava abarrotada de réplicas da sandália.

Outro produto fora do eixo euro-estadunidense que fazia muito sucesso e, por isso, também era alvo de falsificação, eram as famosas Havaianas brasileiras. Entre a população de classe mais baixa era possível ver as “Havaienes” nos pés das pessoas. Essas situações dão sentido à grande quantidade de réplicas dos chinelos de dedo da marca Adidas – que estão na moda – que abarrotavam a entrada das lojas.

Curiosamente, só havia detectores de furto nas lojas chinesas, mesmo que as comerciantes com quem conversei também tenham reclamado da ocorrência de furtos em suas lojas, como apresentado pelo caso de Célia no terceiro capítulo. Mas, como as casas comerciais chinesas costumam estar abarrotadas de produtos, seria mais fácil sair com algo de lá sem chamar atenção. Vale ressaltar que as casas comerciais chinesas são foco

⁸ Termo usado por parte dos chineses para se referir às suas lojas.

de roubos desde que elas começaram a abrir em Mindelo, no início da década passada, como apontam Haugen e Carling (2005).

Outra reclamação comum realizada pelas comerciantes acerca dos chineses é a suposta falta de controle sobre os produtos que eles vendem. Para Maria, os chineses

são universais, estão a invadir toda parte. Por isso o comércio diminuiu consideravelmente. Ao menos lá (no Brasil) eu acho que é diferente, eles têm controle de qualidade, né? Mas aqui não, toda porcaria entra. Há lojas chinesas aqui que a gente não consegue estar nem meia hora ou uma hora, o cheiro é tão forte, os produtos, os plásticos, as borrachas, é tão forte, só fica lá. Ao fim de meia hora, vinte minutos já *tá* sufocado do cheiro. (Trecho da entrevista realizada com Maria em 09 de fevereiro de 2017).

Realmente, o cheiro de plástico que sai das lojas chineses é muito forte, chegando a dar dor de cabeça e tontura em quem entra nas lojas e lá permanece por muito tempo, principalmente as menos arejadas. Isso se daria, de acordo com as minhas interlocutoras, por causa da diferença do material dos produtos que os chineses mandam para lá. Segundo Célia, “em Cabo Verde e África eles entram com toda a porcaria, no resto do mundo são produtos de mais qualidade”. Para exemplificar a situação, ela me disse que “os tecidos que eu compro no chinês em São Paulo são melhores que os que eles vendem na África”. Mesmo que haja críticas aos produtos vendidos hoje pelos chineses, Júlia me contou que antigamente os produtos eram ainda piores e, assim, se deterioravam com maior facilidade.

Curiosamente, os chineses não são os únicos acusados de enviar material de menor qualidade para países africanos. Dentro do comércio de roupas de segunda-mão que tem lugar na Zâmbia, Hansen (2000) aponta que os vendedores e compradores rotineiramente apontavam que os melhores produtos seguiam para países da América Latina e o resto, com as roupas mais esfarrapadas, seguiriam para países africanos. Todavia, tal tese não fora comprovada em nenhum dos casos, permanecendo na via dos rumores.

As lojas dos chineses aglomeram-se majoritariamente na Morada, onde antigamente estavam lojas tradicionais da cidade, sendo o estabelecimento deles nas zonas centrais das cidades um padrão em seu processo de fixação (Haugen e Carling, 2005). Frente aos baixos preços postos pelos chineses, a alternativa encontrada por alguns comerciantes mindelenses foi a de alugar as lojas para eles, pois assim o lucro estaria garantido, o trabalho reduzido e o risco de falência menos eminente, fato este já percebido por Tavares (2010) em seu trabalho.

Assim como o verificado por Justino (2015) em sua pesquisa realizada na cidade da Praia, em Mindelo as lojas chinesas também variavam em seus tamanhos e nível de

sofisticação, indo de lojas onde antigamente funcionavam boutiques voltadas para as classes altas a outras que funcionavam no subsolo ou primeiro piso de prédios, onde mal dava para em meio à quantidade exorbitante de itens à venda. Com relação ao quadro das lojas, enquanto as funcionárias eram todas cabo-verdianas, os responsáveis pela loja, que ficavam no caixa, eram chineses.

A percepção do trabalho e permanência dos chineses em Cabo Verde é dotada de uma série de divergências. Enquanto alguns creem que os chineses só vão buscar o dinheiro cabo-verdiano para levar para terra deles ou que os chineses ajudam outros países como Cabo Verde apenas para que recebam a população deles, que estaria dominando todo o mundo, trocando pela acolhida de seus conterrâneos por alianças comerciais e construção de grandes obras, como represas, palácios de governo e cassino, outras pessoas conseguem ter empatia por eles. Esse é o caso de Maria, outra comerciante transnacional que, mesmo achando que os chineses representam um mercado desleal dentro do país, via com bons olhos a comunidade asiática, uma vez que eles estariam saindo do seu país para conseguir a vida, assim como os cabo-verdianos fazem.

Como nós cabo-verdianos saímos pra procurar uma vida melhor em outros países, eles também saem, né? E eles são um povo bem trabalhador, bastante trabalhador, trabalham muito. E com os chineses muita gente teve acesso a coisas que antes elas não tinham acesso. Hoje em dia raramente a gente vê uma criança ou uma pessoa descalça. Os chineses deram acesso a todo mundo. (Trecho da entrevista realizada com Maria no dia 09 de fevereiro de 2017).

É curioso analisar o caso do tratamento dado pelos cabo-verdianos aos chineses. Isso porque há, nessa situação, a inversão da posição de Cabo Verde no fluxo migratório, passando de país de origem para país de recepção, ao contrário do que tradicionalmente acontece em uma sociedade que quase metade dos seus patriotas estão emigrados.

É interessante, também, perceber que os chineses não são vistos no mesmo patamar de poder que os imigrantes provindos de países europeus. Nos casos em que as interlocutoras teciam reclamações acerca da presença dos chineses em Mindelo, eles eram enquadrados na concepção de imigrante apresentada por Sayad em seu estudo clássico sobre migrações, onde os imigrantes estão em “um lugar à margem e na parte inferior da hierarquia social” (1998, p. 47), assim como eles são rotineiramente taxados de parasitas, que vão para Cabo Verde extrair o que eles podem de lá. Os chineses são sempre encaixados no estereótipo do imigrante enquanto alguém foi para lá roubar as oportunidades de emprego dos nacionais.

Mesmo com a inferiorização dos produtos chineses e por parte das comerciantes cabo-verdianas, acabei descobrindo que parte das lojas de souvenirs da cidade

compravam vários produtos nas lojas dos chineses, a preços mais baixos que o colocado para os clientes comuns, e revendiam em suas lojas que ficavam em pontos estratégicos da cidade, como a Praça Estrela e a Rua 5 de julho, pontos de intenso fluxo de turistas.

Até eu, na tentativa de economizar dinheiro na compra dos presentes que eu precisava trazer, recorri a uma loja chinesa após indicação de uma amiga brasileira comerciante que mora lá. Um imã de geladeira que era vendido à 120 escudos cabo-verdianos na loja dos chineses saía, para nós que levaríamos muitos, à 100 escudos. Ainda, o mesmo produto era encontrado por 200, 250 escudos nas lojas para turistas. Ou seja, mesmo que os produtos chineses tenham contribuído para diminuição dos preços, tanto à nível local quanto mundial, as comerciantes cabo-verdianas continuam lucrando com a maximização dos seus lucros.

As situações apresentadas vão de encontro com a compreensão adotada por Gustavo Lins Ribeiro, que afirma que

[a] diáspora chinesa, a maior do mundo contemporâneo, tem um papel fundamental na globalização popular que nela em grande medida se apoia. Não por acaso encontram-se cada vez mais migrantes chineses associados ao comércio do sistema mundial não-hegemônico. (...) A China logo se tornou a principal fornecedora de produtos falsos para todo o mundo (...) Assim, este país não é apenas a menina dos olhos da globalização hegemônica, é também o centro da globalização não-hegemônica, da globalização popular (Ribeiro, 2010, p. 32-33).

É essa globalização popular apresentada por Ribeiro que permite, através de produtos falsificados e /ou de baixa qualidade, que estratos baixos da população cabo-verdiana tenha acesso a produtos que, revendidos pelas comerciantes transnacionais, não são tão acessíveis.

ii. Os “sombrios” acordos econômicos entre China e Cabo Verde

O âmbito dos rumores é algo que perpassou várias das minhas conversas sobre os chineses, estando presente nos diálogos sobre os chineses desde o início dos anos 2000, quando Grassi (2003) realizou sua pesquisa de campo no Mercado de Sucupira. Nunca se tem “certeza absoluta” sobre as histórias contadas, mas todo mundo apresenta a sua verdade acerca das alianças comerciais estabelecidas entre Cabo Verde e China.

Um dos rumores mais comuns está vinculado às condições de trabalho. Ao ser abordada sobre a sua opinião acerca os chineses, Marta se pôs a pensar nos funcionários deles. “Imagina o pessoal que trabalha lá?! Dizem que as condições de trabalho nas lojas

dos chineses são bem precárias. Dizem que eles pagam abaixo do salário e as pessoas têm que trabalhar mais tempo”. Ela não foi a única a me falar que os chineses pagam muito mal e que os seus funcionários trabalham muito e em condições precárias. Contudo, apenas a partir da minha observação, não posso constatar a informação, mas, em um contexto que a taxa de desemprego chega aos 15%, não é de se assustar que existam pessoas que trabalhem por menos que o salário mínimo, que em 2017 era de 11 mil escudos (aproximadamente 100 euros).

Com a série de acordos firmados entre China e Cabo Verde, acordos estes que são tão acessíveis para a sociedade cabo-verdiana, a ocorrência de rumores se faz presente mais uma vez. Cada um conta uma história diferente sobre esses tratados, que envolveriam isenção de alguns impostos para as cargas de origem chinesa, como as taxas alfandegárias, o que justificaria o boato de que os comerciantes nacionais estariam em uma “corrida comercial desleal” com os chineses, sendo este um dos fatores que estaria prejudicando a economia familiar-doméstica.

Há ainda, ligado aos rumores das isenções de taxa para os chineses, a história de que eles teriam benefícios nos impostos nos cinco primeiros anos em que eles ficarem em Cabo Verde, não pagando as tarifas (alguns chegam a aumentar para dez). Terminando esse período inicial, os chineses passariam a loja para o nome de um outro parente próximo, que usufruiria desse benefício em nome do primeiro, enquanto ainda seria o dono inicial o responsável pelo comércio no âmbito da prática.

Todavia, a veracidade desses rumores foi refutada pelos órgãos oficiais alfandegários durante as pesquisas realizadas por Marzia Grassi (2003) e Pedro Tavares (2010). A primeira, ao conversar com funcionários da Direção Geral da Alfândega, na cidade da Praia, teve como resposta negativa os rumores sobre isenções fiscais. Na mesma via, Tavares argumenta, em sua dissertação que versa sobre as relações estabelecidas entre Cabo Verde e China, que não existem documentos estatais que comprovem a possibilidade de realizar as ações de isenção fiscal. Por outro lado, o autor confirma os boatos de que os chineses pagariam menos que um salário mínimo para suas funcionárias, o que ele justifica pela vida de que os cabo-verdianos deveriam se adequar a essa forma de trabalho, uma vez que eles estão precisando de empregos. Contudo, não se pode justificar a exploração da mão-de-obra cabo-verdiana pela via da escassez de trabalho.

Quanto aos baixos preços dos produtos fornecidos pelos chineses, Haugen e Carling (2005), por sua vez, afirmam que os bens industrializados comercializados pelos chineses são adquiridos diretamente das fábricas, na China, por preços muito menores do

que os encontrados pelas comerciantes transnacionais cabo-verdianas em suas viagens para Europa e América, isso porque a situação laboral na China é muito mais precária.

Para compreender melhor as relações China-Cabo Verde, é preciso voltar ao trabalho de Tavares (2010), que apresenta um apanhado histórico das relações estabelecidas entre os dois países. Enquanto Estados-nação⁹, a proximidade entre Cabo Verde e China começou logo em 1976, ano em que Cabo Verde comemorou um ano de independência. Assim, os chineses foram um dos primeiros países a fixar embaixada na jovem nação, mesmo que o embaixador só fosse ter residência permanente a partir de 1985. (Tavares, 2010)

Tavares avalia que o interesse chinês nas ilhas de Cabo Verde se deu pelo país ter uma democracia consolidada, possui estabilidade económica, política e social, apresenta indicadores económicos aceitáveis, em analogia com os países da sua sub-região, e é detentora de uma localização geográfica de interesse estratégico. Essas Vantagens comparativas em relação aos outros países da África Ocidental, são condições que potencializam não só as parcerias, mas também o investimento externo, pois, a segurança é actualmente um elemento de vantagem competitiva entre as nações (2010, p. 122).

Como é frequente, posicionamento geográfico estratégico de Cabo Verde o coloca na centralidade dos fluxos comerciais. Isso porque, nas relações Sul-Sul estabelecidas pela China, o importante é buscar países que possam fornecer matéria-prima, para, depois, comprar essa matéria transformada em bens industrializados. Como Cabo Verde em um país marcado historicamente pela escassez de matérias-primas, o que negativa a balança comercial deles, é a sua posição centralizada no trânsito atlântico que garante a de vínculos com as grandes economias (Justino, 2015).

Os primeiros chineses chegaram em Cabo Verde no ano de 1993, porém, a primeira loja só foi aberta em 1995. Mesmo com o início dos acordos comerciais ainda na década de 1990, as importações de produtos chineses reduziram nos primeiros cinco anos da década de 2000, voltando a aumentar em 2005 e tendo triplicado no ano 2009 (Haugen e Carling, 2005; Tavares, 2010).

A partir de 2006, a parceria entre os dois países intensifica-se no que diz respeito ao âmbito das trocas económicas, passando a contar com uma série de parcerias de cooperação, financiamentos de grandes obras no país insular e altos empréstimos com juros baixos ou sem essa taxa. No meio dessas obras, houve a reestruturação e ampliação de setores ligados à atividade portuária, como o Porto Grande do Mindelo, tudo isso para

⁹ As relações entre China e Cabo Verde antecedem esse período, mas, como não foram traçadas dentro da formalidade de dois países independentes, não faz sentido trazê-las à tona da mesma forma que Tavares (2010) apresenta em seu trabalho.

facilitar o escoamento da produção chinesa de roupas, calçados, eletrônicos e afins para o novo parceiro comercial africano. Aproveitando-se da posição geográfica estratégica de Cabo Verde, os chineses pretendiam estender sua rede de acordos comerciais para os demais países do continente africano, o que já está em vigor (Andrade, 2008; Justino, 2015; Tavares, 2010).

Um fator que favoreceu a inserção dos chineses no território cabo-verdiano foi a redução dos investimentos que vinham de países europeus e da União Europeia, já que Cabo Verde havia atingido um nível de desenvolvimento que não permitia a continuidade, como afirma Justino (2015, p. 54). Com o caminho “aberto” em um país em que os financiamentos estrangeiros são fundamentais para girar a economia e dar continuidade ao desenvolvimento, as chances da China não firmar os acordos era quase nula.

iii. Mindelo na rota da seda

Em meio às distintas interpretações sobre a presença dos chineses na ilha, a escola de samba Vindos do Oriente, uma das quatro que competem anualmente no desfile que circunscreve as principais ruas do centro da cidade, decidiu homenagear em seu samba-enredo os imigrantes sínicos que vivem em seu país, apontando para a importância global da China na navegação e comércio, ao som do samba-enredo “Na rota da seda”.¹⁰

Após uma série de atrasos que levaram o desfile a terminar apenas no início da noite, com a Vindos do Oriente como última escola a “entrar na avenida”, os integrantes da escola tomaram conta das ruas com suas fantasias finíssimas e cheias de cores, e seus carros alegóricos imensos, que possuíam até televisões de LED. A produção foi tão grande que contava com dois carros de som, além da presença da ilustre cantora mindelense Jenifer Solidade, que ajudou a compor o time dos cantores do samba-enredo.

Mesmo com todo o investimento realizado pela escola na homenagem aos chineses, não havia nenhum durante o desfile, o que causou estranhamento a quem assistia. Porém, o meu maior estranhamento enquanto pesquisador foi o fato de que grande parte das responsáveis pelas alas das escolas de samba são, também, as comerciantes transnacionais, que tanto reclamam da concorrência desleal que os chineses

¹⁰ No carnaval de 2017, a escola Vindos do Oriente resolveu inovar ao colocar dois sambas-enredos como representantes da escola. Contudo, o segundo, nomeado “Seda Pura”, não fez o mesmo sucesso do primeiro. A letra está disponível em http://carnaval.sapo.cv/carnavaldomindelo/artigo/enredo_a_rota_da_seda_cantado_em_dose_dupla_no_vindos_do_orient-50652few.html acesso em 17 de abril de 2017. O primeiro está disponível no anexo 4.

representam. Talvez o amor à sua escola de coração seja maior do que a raiva que elas sentem pelos seus concorrentes estrangeiros.

No dia seguinte ao desfile, a apuração dos votos apontou o que muita gente suspeitava: a Vindos do Oriente ganhou a disputa, com apenas três pontos à frente da segunda colocada, a Monte Sossego. A baixo impacto da notícia da vitória se deve à qualidade dos produtos utilizados na ornamentação dos passistas e dos carros alegóricos, demonstrando o alto investimento financeiro realizado pela escola de samba.



A presença dos chineses se mostra como uma situação delicada e cheia das mais diferentes nuances dentro do contexto mindelense. Seja sobre os chineses que possuem suas casas comerciais nas ilhas, ou os grandes empresários que fecham acordos milionários com o governo cabo-verdiano, não há consenso sobre a entrada e permanência deles no arquipélago, o que sempre levanta suspeição.

A desconfiança dos cabo-verdianos frente aos chineses ocorre, em certa medida, pela não compreensão de como será quitada a contra dívida gerada pelos acordos financeiros firmados entre os dois países, que não é explícita, é motivo de preocupação para ao cabo-verdianos. O mesmo ocorre em outros países do continente africano, que desconfiam dos auxílios financeiros “altruístas” da China, assim como o sucessivo perdão de dívidas entre a China e os países africanos que mantêm negócios (Alden et al, 2009).

Mas uma coisa é certa, as relações comerciais entre chineses e países africanos são cruciais para a economia doméstica chinesa, uma vez que eles precisam das exportações para manter o ritmo de crescimento do país, tendo em vista que eles importam mais do que exportam. Como visto, é comum entre as comerciantes mindelenses culpabilizar – parcialmente – os chineses pela queda nas vendas, criando teorias da conspiração e diversos rumores, mesmo que eles contribuam de alguma forma para isso. Por mais que as intenções dos chineses com o arquipélago sejam as mais diversas, é demasiado complicado definir os acordos financeiros entre os dois países dentro da dualidade bom *versus* mau, já que eles inserem os cabo-verdianos em jogo de benesses ou prejuízos, seja para uma parte da população, seja para toda ela.

Referências Bibliográficas

i. Livros, coletâneas e artigos

ALDEN, Chris *et al.* "Introduction". In: ALDEN, Chris *et al.*, *China returns to Africa*. Londres: Hurst & Company. 2009.

FORTES, Celeste. "“Casa sem homem é um navio à deriva’: Cabo Verde, a monoparentalidade e o sonho de uma família nuclear e patriarcal.” *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, 2015a, v. 40, n. 2: 151-172.

GRASSI, Marzia. *Rabidantes: comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde*. Instituto de Ciências Sociais e Spleen Edições. 2003.

HANSEN, Karen. *Salaula: the world of secondhand clothing and Zambia*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

HAUGEN, Heidi Østbø; CARLING, Jørgen. "On the edge of the Chinese diaspora: the surge of baihuo in an African city." *Ethnic and Racial Studies*, vol. 28, n. 4: 639-662, 2005.

_____. "Mixed Fates of a Popular Minority: Chinese migrants in Cape Verde". In: ALDEN, Chris *et al.*, *China returns to Africa*. Londres: Hurst & Company. 2009.

JUSTINO, André Filipe. *O dragão e o Baobá: visitando as relações China-África a partir do contexto cabo-verdiano*. 2014. 74 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

RIBEIRO, Gustavo Lins. "A Globalização Popular e o Sistema Mundial Não-hegemônico." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, p. 21-38, 2010.

SILVA, Tatiana R. R. *A arte de comerciar: gênero, identidades e emancipação feminina no comércio transatlântico das rabidantes em cabo-verdianas*. Tese de Doutorado. Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, 2012.

TAVARES, Pedro Borges. *Relações Cabo Verde-China: balanço dos trinta e dois anos de cooperação*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) – Universidade de Nova Lisboa, Lisboa, 2010.

ii. Sites consultados

HOTEL CONTINENTAL LUANDA. Empresário chinês lança projeto de resort turístico e hotel-casino em Cabo Verde. <http://www.hotelcontinentalluanda.com/index.php/pt/noticias/509-empresario-chines-lanca-projeto-de-resort-turistico-e-hotel-casino-em-cabo-verde> Acesso em 27 de junho de 2017.

SAPO. Enredo "Rota da Seda" cantado em dose dupla no Vindos do Oriente. [http://carnaval.sapo.cv/carnavaldomindelo/artigo/enredo a rota da seda cantado em dose dupla no vindos do oriente-50652few.html](http://carnaval.sapo.cv/carnavaldomindelo/artigo/enredo_a_rota_da_seda_cantado_em_dose_dupla_no_vindos_do_oriente-50652few.html) acesso em 17 de abril de 2017.

SAPO. Primeiro casino de Cabo Verde inaugurado na ilha do Sal. <http://viajar.sapo.cv/curiosidades/primeiro-casino-de-cabo-verde-inaugurado-na-ilha-do-sal> Acesso em 27 de junho de 2017.

Resumo:

A entrada de chineses no continente africano vem ocorrendo gradativamente desde as revoluções pela libertação dos países africanos do poder colonial. Os governos locais e investidores chineses fazem uso da retórica da África enquanto o continente do futuro para legitimar a entrada dos chineses no continente, argumentando sobre o potencial econômico dos países africanos por serem, ao mesmo tempo, locus de consumo de produtos e exportadores de matéria-prima.

Todavia, a presença dos chineses no continente africano é dotada de nuances, especialmente em Cabo Verde. Entre super empreendimentos, acusações de raptos de crianças e a ampliação da oferta de bens industrializados, a entrada dos chineses no arquipélago é marcada por uma série de dilemas, principalmente no que tange o comércio. Os chineses têm se apresentado nas últimas duas décadas como grandes concorrentes ao trabalho exercido pelas comerciantes transnacionais cabo-verdianas. Na tentativa de compreender a forma como os chineses são vistos no arquipélago, analisarei, com base nos dados obtidos através do diálogo com comerciantes cabo-verdianas em Mindelo e a partir da perspectiva delas, a complexa relação que elas desenvolvem com os chineses, abordando os aspectos positivos e negativos da chegada desse grupo de imigrantes em um país marcado pelo fenômeno emigratório.